

informação, com uma demanda crescente de objetivos sociais e avanços econômicos e tem como objeto de estudo e problemas fundamentais de pesquisa, o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese e efeitos), dos processos e sistemas de construção, da comunicação e do uso dessa informação....” (LE COADIC 1996, p.21).

De acordo com Shera (1980) citado por PINHEIRO e LOUREIRO (1995), a respeito da inter-relação entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação “...uma não se opõe à outra, ao contrário, são aliadas naturais e os profissionais dessas disciplinas, embora isso ainda não aconteça, poderão achar uma terminologia comum...”, atribui ainda, às tecnologias da informação”....exemplarmente os computadores, a emergência da ciência da informação, como disciplina....”(p.43).

Biblioteconomia e ciência da informação, como campos convergentes, refletem então a tendência verificada em alguns países, da evolução da documentação para a ciência da informação, nascida formalmente em 1962, em uma reunião do Georgia Institute of Technology, USA, investigando as propriedades e o comportamento da informação, seu fluxo e os meios de processamento da informação para acesso e uso. Ainda na década de 60, o American Documentation Institute transformou-se em American Society for Information Science, e o periódico aí editado, **American Documentation**, foi transformado em **Journal of the American Society for Information Science**, considerado um marco na sedimentação da ciência da informação (BRAGA 1995).

Principalmente nos Estados Unidos, na década de 80, a implantação dos sistemas de micro-computação, ao direcionar as pesquisas para a área de automação e os processos ligados a ela, teve grande impacto na ciência da informação, tanto na catalogação e indexação, como nas delimitações teórico-conceituais dessa nova área.

No Brasil, a criação do mestrado e doutorado em Ciência da Informação nas décadas de 70 e 80, embora o doutorado fosse apenas uma linha de pesquisa da Escola de Comunicação e Arte, da Universidade de São Paulo, foi decisivo para a participação das discussões e os debates a respeito da ciência da informação, assim como a participação de professores convidados de diversos países e os alunos vindos de diferentes graduações, colaboraram para sua configuração interdisciplinar (BRAGA, 1995).

Há referência da ciência da informação “...colocada no campo das ciências sociais, nascida de uma necessidade social cujo problema concreto é a

máximo, uma pré-ciência, pela ausência de um paradigma ou candidato a paradigma. Tem por características: o estudo da informação, sua relação com várias ciências e insere-se no contexto da sociedade e ciência pós-moderna, chamada de novo modo de produção do conhecimento, numa sociedade que não investiga apenas para conhecer/saber mas principalmente para resolver. As compreensões dos conceitos dos termos informação e ciência da informação não podem ser estabelecidas de forma isolada, mas sim por meio de processos comparativos, conjunções e disjunções; é uma ciência recursiva que se vale dos conhecimentos já existentes nas ciências normais, dos avanços tecnológicos e se define pelas demandas sociais, ou ainda, é dinâmica, instável e seus objetos de estudos se constroem de maneira empírica, cabendo aos pesquisadores dessa área, a construção de um referencial teórico, quando isso é necessário.

A sociologia e, de maneira predominante, a psicologia são duas áreas onde Biblioteconomia e Ciência da Informação vão buscar referencial teórico e prático para realizar suas descobertas; da sociologia, utiliza o conceito das estruturas sociais, atores e papéis para estudos das relações tanto entre pessoas como instituições e, no que concerne à psicologia, é largamente utilizado o instrumental de análise da abordagem psicológica comportamental para temas como conceituação, satisfação no trabalho, hábito de leitura e outros temas, a exemplo dos textos de TARGINO (1985), citados por MOSTAFÁ. LIMA e MARANON(1992), ao investigar o que crianças escolares pensam da biblioteca, "... diante da variedade de conceitos encontrada na literatura bilbioteconômica, a autora se propõe a expressar sua própria concepção, com base nas dimensões relevantes, segundo sua própria experiência de vida..."(p.217).

enorme que rebosa los limites de su tiempo y de su capacidad de asimilación. La mera orientación en la bibliografía de un asunto representa hoy para cada autor un esfuerzo considerable...”, a biblioteconomia procurou adaptar-se para dar conta da demanda. Para isso, adotou processos, sistemas e equipamentos para a facilitação da aquisição, armazenamento e processamento de material bibliográfico, até a sua automação, iniciada em meados dos anos 70.

A ciência da informação, assim como outras áreas científicas interdisciplinares, teve seu período embrionário nos anos 30, caracterizado pelo esforço pós 1ª Guerra Mundial quando a informação se torna fundamental para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Nos anos 60, começam as elaborações dos conceitos e definições para as origens e os fundamentos teóricos da nova área, que segundo BORKO, 1968, citado por PINHEIRO e LOUREIRO, 1995....”investiga as propriedades e comportamento da informação, a utilização e a transmissão da informação, bem como o processamento da informação para armazenagem e recuperação ótimas”(p. 43).

Essa nova área, que vai além dos processos técnicos de guarda e controle dos estoques de informação, mais do que a guarda do saber acumulado nos acervos das bibliotecas, arquivos, museus, bases de dados, redes ou sistemas de informação, tem como objeto o direcionamento programado dessas informações, com a intenção de criar o conhecimento.

De acordo com Galvão e Borges (2000), o estudo da ciência da informação, e sua condição de ciência, com referência aos conceitos de paradigma, pré-ciência e ciência normal, da obra de Thomas Kuhn, conclui que, tendo como base o modelo clássico de ciência, pode-se afirmar que a ciência da informação é, no

Decimal Universal – CDU, para classificar arquivos e manuscritos em geral; foi então definida de modo geral para abordar a coleção, classificação e distribuição de documentos de qualquer natureza, até que Paul Otlet, em 1934, baseado neste conceito e com o acréscimo da elaboração, edição, impressão e comunicação das obras escritas, publica o clássico: **Traité de Documentation: le livre sur le livre** .

Ainda de acordo com o mesmo autor, não tendo o termo documentação, um significado muito específico, a Federação Internacional de Documentação, o restringiu a “ *methods and means for rendering the scientific documents acessible to the user, as opposed to librarianship being the management of collections of books, periodicals and others printed documents* “, e isso passou a ser chamado de informação científica, no conceito genérico de ciências da informação (p. 41).

Em 1947, Bradford publica **Documentação**, com ensaios relativos ao problema de colocar ao alcance dos pesquisadores, a soma dos resultados do trabalho e pensamentos humanos, publicação que é comparada à obra de Otlet (SHERA e EGAN, 1961, p. 15).

De acordo com BRADFORD (1961, p. 69), “... enquanto a biblioteconomia se ocupa dos aspectos de tratamento dos livros a tarefa do documentalista consiste em tornar disponível a informação original registrada em artigos de periódicos, folhetos, relatórios, especificação de patentes e outros registros semelhantes.... “.

Com a chamada Explosão da Informação, o aumento na produção de livros e documentos científicos, antevista por ORTEGA Y GASSET, (1967, p. 87) “... *Hay ya demasiados libros. Aun reduciendo sobremanera el número de temas a que cada hombre dedica su atención, la cantidad de libros que necesita injerir es tan*

compreensão do jogo complexo de relações que se estabelecem no processo significativo e é neste processo que os dados se transformam em informação e conhecimento.

A informação na biblioteca está ligada à documentação utilizada numa abordagem abrangente da definição de Briet (1953) citado por BRAGA (1995), que a denomina como “... qualquer base de conhecimento fixada materialmente, suscetível de estudo prova ou confronto, pode significar a diferença entre biblioteconomia/documentação e ciência da informação, pois na biblioteconomia/documentação é estudado o documento como suporte tangível e passível de manipulação em seu conteúdo, seja ele papel, uma película de filme ou um meio eletrônico....” (p. 85)

Do ponto de vista epistemológico, biblioteconomia é abordada tanto como ciência, arte ou técnica; possui qualidades tanto científicas quanto humanísticas, utilizando-se de todo o conhecimento humano, com metodologia e conceitos precisos e, como tecnologia aplicada, não exclui a possibilidade de ser fundamentada em elementos das ciências puras, como matemática, lógica e lingüística, ou das ciências humanas, como psicologia, sociologia e economia (ANDRADE et al., 1981). Essas diferentes abordagens encontram respaldo no texto de CHAÚÍ (1995) sobre “arte que vem do latim *ars* e corresponde ao termo grego *techne*, técnica, significando a atividade humana submetida a regras e no sentido geral arte é o conjunto das regras que dirige uma atividade humana” (p. 317).

Segundo FONSECA (1973, p. 40), a palavra documentação reporta ao holandês Zaalberg, quando utilizou pela primeira vez o Sistema de Classificação

1.2. BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Biblioteconomia, palavra derivada do termo biblioteca, composta por biblio, significando livro e theke, significando caixa, privilegia a sua concepção como algo ligado a um repositório de livros. Esta concepção não corresponde ao perfil atual desta área, que tem tratado a informação independente do suporte que a contenha, e seus profissionais se ocupam da informação propriamente dita, não somente dos livros.

De acordo com LE COADIC (1996), "...biblioteconomia, palavra originada na união da palavra biblioteca e economia, no sentido de organização, administração e gestão, não é ciência e sim uma prática de organização dos acervos e da própria biblioteca como um serviço organizado e de seus usuários. A documentação, que recorre a técnicas não convencionais de organização e análise de qualquer tipo de documento, além dos livros, surgiu no final do século XIX, da necessidade de acesso dos pesquisadores aos variados documentos representados ou expressos por sinais gráficos..."(p. 14). Ao fazer isso, utiliza-se da semiótica como ciência que, segundo SANTAELLA (1983, p. 13) "... tem por objeto de investigação, todas as linguagens possíveis e objetiva o exame dos fenômenos, como produção de significado de sentido...".

Sua principal utilidade é possibilitar a descrição e análise da dimensão representativa (estruturação sónica) de objetos, fenômenos ou processos. No estudo dos signos, ao descrever suas classes ou categorias, a semiótica permite a